

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME L • 2011

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

Bolseiro de doutoramento da FCT; Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP)

O QUARTEIRÃO URBANO A POENTE DO *FORUM* DE *AEMINIUM*
(COIMBRA, PORTUGAL) – A SUA CONFIGURAÇÃO AO LONGO DO
SÉC. I d.C.

THE URBAN BLOCK WEST OF THE FORUM OF AEMINIUM
(COIMBRA, PORTUGAL) – ITS EVOLUTION DURING THE 1st c. AD.
“Conimbriga” L (2011) p. 79-99

RESUMO: Implantado em pleno centro da colina genética de Coimbra, o fórum augustano de *Aeminium* terá sido significativamente ampliado em meados do século I d.C. Esse acréscimo desenvolveu-se sobre plataforma artificial assente num monumental criptopórtico que se instalou no terreno declivoso que pende para poente. Esta situação determinou a reorganização total da composição da malha urbana do quarteirão contíguo a ocidente do fórum, inclusivamente, a remarcação de um dos principais eixos viários da cidade – o *decumanus maximus*. Neste texto, partindo da análise renovada das estruturas arqueológicas que jazem sob o novo edifício administrativo do Museu Nacional de Machado de Castro (Beco das Condeixas) ensaiam-se novas leituras, particularmente, do momento que antecedeu aquela renovação urbanística.

PALAVRAS-CHAVE: *Aeminium* (Coimbra); Urbanismo Romano; *Decumanus Maximus*; *Fullonica* (?)

ABSTRACT: The Augustan *Aeminium* forum, centered on Coimbra's historic hill, was significantly expanded in the mid-first century AD. This addition sat on the monumental cryptoporticus raised on the sloping ground to the west. This situation determined the reorganization of the urban design of the west block to the forum, including, the redial of one of the the city's main road – the *decumanus maximus*.

Conimbriga, 50 (2011) 79-99

In this text, starting from a renewed analysis of the archaeological structures under the new administrative building of the Machado de Castro's National Museum (Beco das Condeixeiros), we rehearse new readings, particularly of the moment that preceded that urban renewal.

KEYWORDS: *Aeminium* (Coimbra, Portugal); Roman Urbanism; *Decumanus Maximus*; *Fullonica* (?)

O QUARTEIRÃO URBANO A POENTE DO *FORUM*
DE *AEMINIUM* (COIMBRA, PORTUGAL)
– A SUA CONFIGURAÇÃO AO LONGO DO SÉC. I d.C.

1. Introdução

Numa cidade com um núcleo histórico perfeitamente consolidado como Coimbra, que assume em diversas épocas uma posição geo-estratégica determinante, as dificuldades em conhecer o seu passado mais remoto são inúmeras. Neste sentido, a arqueologia urbana da cidade assume um papel de relevo ao conferir-lhe uma nova dimensão espaço-temporal, por vezes desconhecida, e conformando-se como derradeira oportunidade para reconstruir ou refutar o discurso histórico existente. O processo de leitura das antigas cidades hoje ainda vivas, mas também vividas ininterruptamente ao longo dos últimos milénios, baseado na informação arqueológica, tem a sua especificidade própria. Na verdade, e dispensando-se o pleonasma, a narrativa histórica ou narração dos dados arqueológicos assume, principalmente nestes contextos urbanos, uma grande volubilidade. O discurso histórico-arqueológico está em constante construção. Um dos esteios que mais condiciona esta situação é a impossibilidade de intervenção em extensão num contexto espacial e temporal coerente ou ajustado com a realidade física de uma dada cronologia remota. Em Portugal, grande parte das acções arqueológicas em contexto urbano são de “circunstância” e traduzem-se em intervenções de pequeno alcance, reduzidas a necessidades específicas de determinada obra. Raramente estes trabalhos permitem decifrar ou obter uma clara compreensão dos débeis testemunhos postos a descoberto. Estes não são mais do que *disjecta membra* – partes sem todo que só ganham a devida significância quando contextualizados junto dos vestígios detectados na área envolvente, sendo por vezes necessário aguardar anos até que seja possível articular os resultados das diversas sondagens que se vão

gradualmente realizando em determinado quarteirão urbano. O presente artigo reflecte isso mesmo.

O projecto de remodelação e ampliação do Museu Nacional de Machado de Castro proporcionou a realização de extensos trabalhos arqueológicos (prévios e decursivos) não só na área das suas seculares instalações (que ocupam a superfície do antigo fórum de *Aeminium*), mas também na zona contígua a poente onde se edificaram dois novos corpos (Fig. 1). A sùmula dos principais resultados obtidos nas intervenções realizadas entre 1998 e 2007 no espaço exterior contíguo à fachada principal e ocidental do fórum foram já preliminarmente apresentados em 2007 (Carvalho *et alii*, 2010). Para além de projectar a imagem da fachada mais monumental do edificio do fórum, aquele trabalho permitiu inferir o modo como a composição da malha urbana se encontraria cerzida nesta zona particular da cidade romana. Isto é, debruça-se essencialmente sobre a renovação urbanística do quarteirão poente motivada pela construção do fórum de meados do século I d.C., particularmente na planificação de um dos principais eixos viários da cidade – o *decumanus maximus*.

Não obstante, uma sondagem realizada na área da igreja românica de S. João de Almedina em 2008 (e concluída em 2011) trouxe à colação novos dados ignorados aquando a produção daquele texto. Ao invés do que se cogitava, comprovou-se a existência de um edificio anterior ao fórum de Cláudio (Alarcão *et alii*, 2009). O primitivo fórum de *Aeminium* data de época de Augusto, ao qual pertenceria a galeria oriental do piso superior do criptopórtico. Em meados do século I terá sido absorvido por nova construção e consideravelmente ampliado com a edificação do criptopórtico que hoje se conhece, composto por dois níveis de galerias abobadadas, assente em terreno declivoso e escarpado para poente. Este terá sido o móbil de toda a reorganização urbanística do quarteirão urbano a ocidente do fórum. Estas conclusões não alteram o plano proposto para meados do século I. No entanto, à luz dos novos dados, o conjunto de estruturas anteriores a esta reforma, detectadas no gaveto da Rua Borges Carneiro com o Beco das Condeixeiras (Fig. 1), merece uma nova abordagem.

2. A renovação urbanística de meados do século I d.C.

Os trabalhos efectuados no espaço exterior contíguo à fachada poente do criptopórtico contribuíram decisivamente para esclarecer a sua configuração em meados do século I d.C. Deste alçado bastante

danificado sobreviveu, quase incólume, um fontanário (Fig. 2 – A) abastecido por nascente que brotava do subsolo do criptopórtico (Alarcão *et alii*, 2009: 43; Carvalho *et alii*, 2010: 80). No entanto, foi a análise do conjunto de estruturas bem conservadas e descobertas a poucos metros de distância, no que é hoje conhecido como o gaveto formado pelo Beco das Condeixeiras com a Rua Borges Carneiro, que permitiu ensaiar, com maior rigor, a composição da malha urbana desta zona particular da cidade romana. Os referidos vestígios, coetâneos da renovação urbanística de meados do século I, foram já alvo de aturada discussão em trabalho anterior (Carvalho *et alii*, 2010) e, por isso mesmo, dispensam grande apresentação.

Este gaveto encontra-se fortemente marcado pela presença de um troço da *cloaca maxima* (Fig. 3 – A) que percorre todo o espaço ao longo de cerca de 10m. Nesta desaguavam outros dois pequenos ramais, um correndo de norte e outro do sul, localizados no extremo ocidental deste espaço (Fig. 3 – D e E). Estas construções abobadadas assentaram directamente sobre o substrato calcário, rasgando-o quando necessário.

Paralelo à cloaca (a cerca de 2.36m da sua face norte) identificou-se um muro intercalado por quatro bases de pilar (Fig. 3 – B e Fig. 5 – A). Por último, a 2,48m a norte, corre um outro alinhamento com cerca de 0,52m de largura e marcado por dois troços de construção mais robusta (Fig. 3 – C), concernentes à fachada de um edifício (*insula* ?).

O modo como estas estruturas se relacionam e a sequência estratigráfica registada em seu torno sugerem a sua contemporaneidade. Com efeito, os níveis de aterro (com restos do processo de construção) que em parte envolviam essas estruturas, depositados aquando da sua construção forneceram exclusivamente um conjunto de materiais (fragmentos de *terra sigillata* itálica (informes) e gálica (Drag. 24/25 e 27) que permite sugerir os meados do séc. I d.C. como data de arranque deste alargado processo de obra.

Partindo do pressuposto de que os esgotos públicos de uma cidade correm sob o pavimento das ruas e seguem o eixo longitudinal dos arruamentos¹, é-nos possível recriar uma imagem de aproximação ao fórum claudiano pela encosta poente da cidade. A localização da *cloaca maxima* sugere o eixo de uma das principais artérias da cidade – o

¹ A este respeito deverão ser tidos em conta os vários exemplos reunidos na recente obra de Francisco A. Escudero Escudero e M. Pilar Galve Izquierdo (2013: 307-326 e 355-426).

decumanus maximus. Neste troço do seu percurso, este seria ladeado por um edifício com uma fachada porticada. A presença de um pórtico corrido ao longo de todo o trajecto do *decumanus*, à semelhança do que se verifica (e por vezes a uma escala mais monumental) noutras cidades do Império, é sugerida através da fileira de pilares que surgem regularmente espaçados. Porém, não se detectaram indícios do seu prolongamento até à fachada ocidental do fórum. Por outro lado, se tivermos em conta o alinhamento deste pórtico e considerarmos que os eixos longitudinais da cloaca principal e do *decumanus* coincidiriam, poderemos propor uma largura de cerca de 6,50 m (c. 22 pés) para este troço da rua romana que antecede o fórum.

O traçado deste arruamento (Fig. 7-B) seguiria e alcançava a fachada do criptopórtico com certa obliquidade e a meio desta, onde a *cloaca maxima* receberia os resíduos de um outro colector secundário que corre defronte ao fontanário público que se encontra adossado à base daquele embasamento monumental do fórum (Fig. 2), onde se abriria um largo ou praceta. Aí, desenhando um cotovelo, continuava para sul, contornando o criptopórtico e fórum até cruzar o *cardo maximus* que correria a oriente do complexo forense.

Por último, deverá reforçar-se a importância de que se reveste o conhecimento da localização não só da *cloaca maxima* como também dos seus ramais, cujo percurso, por sua vez, poderá denunciar o traçado das ruas transversais ao *decumanus*. A distância entre as *cloaculae* detectadas no gaveto e a que se desenvolve junto ao espaço fronteiro do fontanário anda em torno dos 31,70m, cerca de metade do comprimento do fórum (Carvalho, 1998: 187 e 201; Alarcão *et alii*, 2009). Tendo em conta a topografia de *Aeminium*, marcada por fortes pendentes, não imaginamos que o seu traçado urbano decalque um modelo clássico em plano perfeitamente ortogonal e regular. No entanto, aquele valor terá de ser tido em conta na projecção modular do urbanismo da cidade romana e poderá constituir uma medida padrão aproximada do dimensionamento dos quarteirões ou *insulae*.

3. O quarteirão urbano a poente do fórum de Aeminium no dealbar do século I d.C.

A construção do conjunto de estruturas de meados do século I acima descritas terá implicado, neste espaço, a remoção de terras até à rocha.

A *cloaca maxima* e as suas condutas secundárias e os alinhamentos que integram o espaço porticado assentam directamente no substrato rochoso, não se tendo detectado nitidamente associada qualquer vala de fundação cortando níveis estratigráficos anteriores. A intervenção terá sido, portanto, profunda. Contudo alguns locais foram poupados a este desmantelamento, mantendo-se aí uma sequência estratigráfica que conserva ténues mas relevantes indícios de uma fase de ocupação que antecedeu a profunda renovação claudiana.

A esta fase mais antiga pertencerá uma construção que se estende ainda por uma parte considerável do gaveto, posicionando-se de uma forma distinta relativamente aos eixos de orientação adoptados pelo conjunto de estruturas anteriormente referido (Fig. 2). O desenho dos seus alinhamentos parece delinear, pelo menos, quatro espaços individualizáveis, cujos níveis de circulação correriam a cotas desiguais. Ao centro da área escavada surgem claramente dois espaços de configuração e características semelhantes (Fig. 4 – A e B). Ambos são delimitados em grande parte por muros talhados na rocha que se apresentam rebocados por estuque grosseiro. Apenas o flanco sul é fechado por alinhamento erguido com duas fiadas paralelas e justapostas (formando um muro com cerca de 0.45m de largura) de pequenos blocos calcários talhados nas faces voltadas para o exterior e igualmente rebocados. Exibem vestígios de um pavimento de argamassa que se estende sobre uma superfície rochosa cortada para o efeito. O espaço mais a poente (Fig. 4 – A) conta com cerca de 4.39m de largo. O outro espaço, imediatamente a nascente (Fig. 4 – B) surge a uma cota mais elevada (cerca de 0.70m em relação ao pavimento anterior) e delimita uma área com cerca de 3.38m x 4.30m. Este compartimento apresenta ainda, junto ao seu muro leste, restos de um pequeno lanço de duas escadas que possibilitaria o acesso a outro espaço que se desenvolve a uma cota ainda mais elevada (cerca de 0,80m). Neste, por sua vez localizado junto ao limite da área escavada, detectou-se um outro compartimento (Fig. 4 – C e 5 – C), com 3.62m de largo, que se caracteriza sobretudo por apresentar um bom pavimento em *opus signinum* (e rebordo em meia cana), delimitado por muros em parte talhados na rocha que se encontram totalmente desbastados.

A sul da cloaca (Fig. 4 – D e 5 – D), por sua vez, identificou-se outro pavimento em *opus signinum*, delimitado por uma parede com a face interna estucada (com cerca de 3,50m de comprimento). A todo este conjunto edificado, que se desenvolve em patamares, pertencerão

também os negativos talhados na rocha de outras paredes no flanco norte deste espaço (Fig. 4 – E). Esta área terá sido bastante afectada pela construção de um prédio de época contemporânea. Facto que nos permite apenas sugerir a presença de outros compartimentos de menor dimensão mas coetâneos e perfeitamente integrados neste mesmo projecto.

Todos estes elementos serão contemporâneos e farão parte de um plano construtivo anulado com o arranjo subsequente ao redimensionamento do fórum. Ou seja, neste lugar específico, a construção da cloaca (e do *decumanus*) e da área porticada implicou a demolição de todo este conjunto de estruturas. Sob estas estruturas não foi possível escavar níveis arqueológicos selados com materiais susceptíveis de datação. Os muros e respectivos pavimentos, antes referidos, assentam quase na totalidade sobre o substrato rochoso. Todavia, atendendo quer ao tipo de construção que estas estruturas evidenciam, quer ao tipo de materiais recolhidos (*sigillata* itálica) nos respectivos níveis de ocupação, poderemos integrar este conjunto de elementos numa fase já plenamente romana. Assim, estes talvez correspondam aos restos de um edifício construído em período augustano, e que se manteve em funcionamento durante algumas décadas até ser desmantelado em meados do século I d.C.

A exiguidade do espaço escavado e a descontinuidade das estruturas identificadas (cortadas pelas construções romanas que lhes sucederam) tornam difícil perceber a forma como este espaço se articularia e qual a função ou natureza do mesmo. Tomamos como certo que nestes compartimentos deveria circular água se atendermos à presença de pavimentos em *opus signinum* (ligados por uma meia cana às paredes) e de frágeis canalizações identificadas – uma no compartimento A (com cerca de 0.20 / 0.25 m de largura, delimitada por pequenas pedras talhadas e cravadas no substrato argiloso) e outra emergindo do compartimento D coberta por fiadas de pedras dispostas na horizontal (Fig. 4 – F e G respectivamente).

Mas a que tipo de estabelecimento poderá corresponder este conjunto estrutural? Dispomos apenas do um espaço central de um edifício dominado pela presença de três tanques unidos ou apenas separados por muros divisórios, dispostos em patamares escalonados. A sul, separado por um corredor, encontra-se um outro tanque (Fig. 6).

É possível, face às suas características, que estas instalações integrassem um espaço urbano ocupado por oficinas dedicadas a actividades artesanais ou industriais. A comparência de estruturas hidráulicas com

características e disposição muito semelhantes a estas em estabelecimentos comuns na Península Itálica, como em Pompeios e Óstia (Uscatescu, 1994: 62-82), mas igualmente presentes na Hispânia romana, como em Barcino (actual Barcelona – Beltrán de Heredia Bercero, 2000), leva-nos a sugerir que estes vestígios possam estar associados a uma *fullonica*. Estes estabelecimentos dedicados à lavagem e branqueamentos de tecidos e roupas usadas (como as actuais lavandarias) e ao acabamento de tecidos em lã² são identificáveis, essencialmente, pela presença de “piscinas” ou grandes tanques – *lacunae fullonicae*. Não obstante, este elemento, só por si, é também característico das *tinctoriae* (tinturarias). Não é fácil a distinção entre estes dois tipos de oficina, contudo há uma série de diferenças arquitectónicas que poderão auxiliar a destrinça. Um dos elementos mais distintivos é a presença de um forno que não existe, por regra, nas *fullonicae* mas é essencial no labor das *tinctoriae* (Uscatescu, 1994: 16, 54 e 164). Este factor determinou a nossa interpretação, embora se reconheça que não dispomos da planta total do edifício. Apesar destes estabelecimentos surgirem várias vezes associados e por vezes integrados em sectores industriais, não se conhecem para já vestígios dessa evidência nas imediações deste local³.

Uma outra peculiaridade e característica exclusiva das *fullonicae* (Pietrogrande, 1976: 77) é a existência de plataformas onde se dispunham pequenas cubas de “pisamento” onde se lavavam os tecidos com detergente – *saltus fullonici*. É, principalmente, a ausência deste elemento específico e distintivo o principal motivo para que se aborde este ensaio interpretativo com tantas cautelas. No entanto, a sua inexistência, neste

² A questão sobre a(s) funcionalidade(s) deste tipo de estabelecimentos não se encontra totalmente esclarecida, como fica patente através da leitura do artigo de M. Bradley (2002) e respectivas recensões de M. Flohr (2003) e A. Wilson (2003).

³ Neste particular, não podemos deixar de mencionar a presença de um grande reservatório (2,66m de largo x +de 8m de comprimento) com as mesmas características construtivas que as estruturas aqui retratadas (paredes com face interna rebocada e pavimento em *opus signinum* com meia cana), deslocado cerca de 15m para Nordeste deste local (Carvalho *et alii*, 2010: 77-79). Esta estrutura, apesar de coetânea, surge isolada e aparentemente sem correspondência directa com aquelas outras (Fig. 2 – B). No entanto, não se deverá descartar definitivamente a hipótese de poder estar associada com outras actividades que surgem recorrentemente relacionadas com as *fullonicae*. Existem vários casos de proximidade directa com outros estabelecimentos dedicados ao sector têxtil e que incluem na sua planta um grande tanque como as *officinae lanificariae* (Uscatescu, 1994: 57).

espaço, poderá estar justificada pelo facto de só dispormos da planta central do edifício. De facto, as *fullonicae* construídas *ex novo* para este efeito parecem adoptar um esquema que se coaduna com esta situação. As *lacunae fullonicae* (ou grandes tanques) estariam implantadas no centro do espaço maior do edifício e seriam ladeadas pelos *saltus fullonici* (recipientes para o piso) reservados aos extremos da sala (Uscatescu, 1994: 57). São vários os exemplos de plantas similares, embora mais tardias (inícios do século II), em Óstia (Pietrogrande, 1976: 77-79 e fig. 4, 15 e 20). A zona imediatamente a sul (Rua Borges Carneiro), a poente e a nascente (Beco das Condeixeiras) deste espaço central não foi intervencionada. Pelo contrário, toda a franja norte foi sondada. No entanto, como já foi referido, a construção de um prédio de habitação contíguo a esta área desbastou irreversivelmente e até à rocha toda aquela faixa. Não obstante, no ângulo noroeste detectaram-se os negativos do que parecem ser pequenos reservatórios rectangulares talhados no substrato rochoso. Não parecem estar relacionados com a função de pisoeiro, mas antes associados a pequenos tanques, de menor dimensão que as *lacunae fullonicae*, também comuns nestes locais (Uscatescu, 1994: 30) e reservados a tratamentos especiais de tecidos mais finos.

À parte dos pormenores tipológicos, a interpretação destes vestígios como pertencentes a uma *fullonica* levantam outra série de questões. Desde logo, para o seu adequado funcionamento deveria estar assegurado o fornecimento de água. A este respeito, a provável presença, neste ponto do talvegue entre colinas, de um veio ou curso de água, assegurava esse abastecimento. A nascente que brota no subsolo onde se ergueu posteriormente o criptopórtico claudiano deveria drenar uma boa reserva aquífera, tanto mais que terá sido canalizada e integrada de forma particularmente engenhosa e original através do fontanário adossado àquele monumental embasamento (Fig. 2 – A).

Outro aspecto a ter em conta é o seu enquadramento cronológico. Embora de tradição pré-romana, estas actividades têm o seu momento de maior desenvolvimento entre o século III a.C. e o século IV d.C. no império romano do Ocidente (Uscatescu, 1994: 18). Apesar disso, ponderámos a existência deste tipo de estabelecimentos, tão bem estruturados e organizados, já no dealbar do século I d.C. numa cidade do extremo ocidental desse mesmo império. Neste particular, a menção às *tabernae fullonicae* na legislação imperial sobre a exploração mineira no *Vicus Metallum Vipascense* (CIL, II, 5181), ou na denominada Tábua I de Bronze de Aljustrel (Domergue, 1983), acaba por solver em parte

esta incerteza. A data de elaboração deste texto não é totalmente unânime. Embora se aponte os finais do século I/ inícios do século II d.C., não se descarta inteiramente a possibilidade de ser anterior (Encarnação, 1984: 211). Todavia, esta referência faz supor a existência, neste local, de uma *fullonica* em pleno século I d.C., apesar de ainda não se encontrar atestada arqueologicamente.

Ainda ao nível das pendências levantadas, questionou-se a localização desta oficina, por norma tida como algo infecto, em pleno centro urbano de *Aeminium*, ladeando o primitivo *decumanus maximus* e não muito longe do primeiro fórum da cidade. Na verdade e tendo como referência Pompeios (onde se identificaram mais de duas dezenas deste tipo de estabelecimentos), verifica-se que as *fullonicae* se distribuem indiscriminadamente pelo centro da cidade e junto a ruas mais largas e melhor posicionadas para o escoamento dos seus produtos (Uscatescu, 1994: fig. 10). Por outro lado, no caso de *Aeminium* teremos de imaginar o fórum augustano bastante mais recuado que o plano claudiano (Fig. 7) e cingindo-se à plataforma superior deste vale. Neste caso verifica-se uma pendente de cerca de 20m e uma distância razoável para que a insalubridade daquela oficina não se fizesse sentir naquela zona nobre da cidade.

Por último, e tendo como ponto de partida a planta, ainda que fragmentária, destas estruturas poderá indagar-se sobre o traçado do *decumanus maximus* em período augustano (Fig. 7 – A). Em primeiro lugar, a orientação ligeiramente divergente destes vestígios em comparação ao eixo adoptado pelo conjunto de estruturas posterior, sugere que o alinhamento daquele eixo viário fosse mais oblíquo relativamente ao plano de meados do século I. Por outro lado, a continuidade dos alinhamentos destas estruturas, cortadas pela *cloaca maxima* (que seria o eixo do *decumanus* mais recente) e que se prolongam sob a actual Rua Borges Carneiro, implica que o seu traçado original estivesse mais recuado para sul. A este propósito devemos-nos igualmente socorrer da informação obtida na intervenção realizada na ala sul do criptopórtico claudiano. Sob esta área do monumento circula grande parte do traçado da *cloaca maxima*. Surpreendeu-nos o facto do esgoto público passar sob o criptopórtico ao invés de se alinhar, como seria normal, pelo eixo de um arruamento. Esta situação fica a dever-se, mais uma vez, ao redimensionamento também para sul do fórum e criptopórtico de meados do século I. Esta ampliação não quis comprometer o anterior alinhamento da cloaca pré-existente, sendo possível discernir onde termina o traçado

augustano e se inicia o refeito troço claudiano (Alarcão *et alii*, 2009: 55 e fig. 30). Unindo os pontos entre o escoadouro augustano e a área onde se localizam estas estruturas e tendo como referência a orientação assumida por estas, poderá propor-se o traçado daquele primitivo eixo viário. Desconhece-se a configuração do terreno escarpado onde se instalou o criptopórtico, porém também não se conhecem entraves para o que o percurso do *decumanus*, embora íngreme, não assumisse, nos inícios do século I, um trajecto mais rectilíneo (Fig. 7) embora ainda distante de um modelo plenamente ortogonal. Não pretendemos com esta análise imiscuirmo-nos na discussão acerca dos traçados viários da cidade romana de *Aeminium* fruto já de várias prelecções (Mantas, 1992: 509; Alarcão, 2008: 57-66 entre outros). No entanto, nenhum desses autores dispunha das informações agora dadas à estampa. Talvez por isso se tenha sempre encarado estes percursos como algo estanque e não susceptíveis a transformações pontuais e ajustes localizados.

4. Considerações finais

No dealbar do século I d.C. o quarteirão poente contíguo ao fórum de *Aeminium* encontrava-se provavelmente reservado a uma área de serviços que ladeava o *decumanus maximus*, onde despontam as estruturas apresentadas e interpretadas como possível *fullonica* (Fig. 6). Os documentos arqueológicos remanescentes deste tipo de conjuntos fabris de época romana são complexos e difíceis de analisar. São escassas as notícias da presença de vestígios associados a estes estabelecimentos no território da antiga Hispânia. Provavelmente, por não se encontrarem correctamente identificados. Tal como demonstram os argumentos expostos, embora digna de ponderação, a proposta aqui anunciada é incerta. Porém, entre o possível e a suspeita parece-nos verosímil.

Independentemente da sua funcionalidade, este edifício construído no período augustano parece ter-se mantido em funcionamento apenas algumas décadas até ser desmantelado em meados do século I d.C., perante as exigências decorrentes do projecto de renovação urbana da cidade. Como consequência, este terá implicado, nesta zona particular da cidade, a destruição de um conjunto edificado para aí fazer passar um dos principais eixos viários da cidade. A sequência estratigráfica associada a este momento parece não deixar margem para grandes

dúvidas: o principal sistema de saneamento e o edifício de fachada porticada que ladeava neste troço o *decumanus*, parecem ter sido executados em simultâneo, fruto de um mesmo projecto de reorganização urbanística da cidade no qual se integrará também o *forum*. Aliás, terá sido o redimensionamento do complexo forense durante o principado de Cláudio o móbil para tão profundas transformações. A sua ampliação para poente determinou a reorientação do *decumanus maximus* (Fig. 7). Este passa a estar, neste tramo, alinhado pelo eixo do novo fórum, contornando-o depois pelo seu lado sul. Transforma-se assim, de forma assumida, numa linha quebrada.

Aguardamos com expectativa a possibilidade de intervenção na quadra sul da actual Rua Borges Carneiro composta por edifícios quase em ruína e que se degradam a ritmo acelerado. Só assim se poderão novamente combinar estes fragmentos de memória e apurar de novo a imagem ou configuração deste espaço durante o século I d.C.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, Jorge de (2008), *Coimbra: a montagem do cenário urbano*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- ALARCÃO, J., ANDRÉ, P., BARRELAS, P., CARVALHO, P., SANTOS, F., SILVA, R. C. (2009), *O Forum de Aeminium. A busca do desenho original / The Forum of Aeminium: The search for the original design*. IMC, MNMC e EDIFER. Lisboa.
- BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO, J. (2000), “Los restos arqueológicos de una fullonica y una tintoria en la colonia romana de Barcino (Barcelona)”, *Complutum*, 11: 253-259.
- BRADLEY, Mark (2002), “It all comes out in the wash’: Looking harder at the Roman fullonica”, *Journal of Roman Archaeology*, 15: 21-44.
- CARVALHO, Pedro C. (1998), *O Forum de Aeminium*, Lisboa, Instituto Português de Museus.
- CARVALHO, P., MATIAS, D., RAMOS, A., RIBEIRO, C., SANTOS, F., SILVA, R. C. (2010), “Caminhando em redor do forum de Aeminium (Coimbra, Portugal)”, T. Nogales Basarrate (ed.) *Ciudad y Foro en Lusitania Romana/Cidade e Foro na Lusitânia Romana. Studia Lusitana*, 4: 69-88.
- DOMERGUE, Claude (1983), “La mine antique d’Aljustrel (Portugal) et les tables de bronze de Vipasca”, *Conimbriga*, XXII: 5-193.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (1984), *Inscrições romanas do Conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização*. IAFLUC, Coimbra, 2 vol.
- ESCUDERO ESCUDERO, F. DE A.; GALVE IZQUIERDO, M. P. (2013), *Las Cloacas de Caesaraugusta y elementos de urbanismo y topografía de la ciudad antigua*. Institución «Fernando El Católico», Saragoça.
- FLOHR, Miko (2003), “Fullones and Roman society: a reconsideration”, *Journal of Roman Archaeology*, 16: 447-450.
- MANTAS, Vasco (1992), “Notas sobre a estrutura urbana de Aeminium”, *Biblos*, 68: 487-513.
- PIETROGRANDE, Anton L. (1976), *Scavi di Ostia VIII: Le fulloniche*. Istituto Poligrafico dello Stato, Roma.
- USCATESCU, Alexandra (1994), *Fullonicae y Tintoriae en el Mundo Romano*. PPU-Departament Filologia Llatina, Barcelona.
- WILSON, Andrew (2003), “The archaeology of the Roman fullonica”, *Journal of Roman Archaeology*, 16: 442-446.

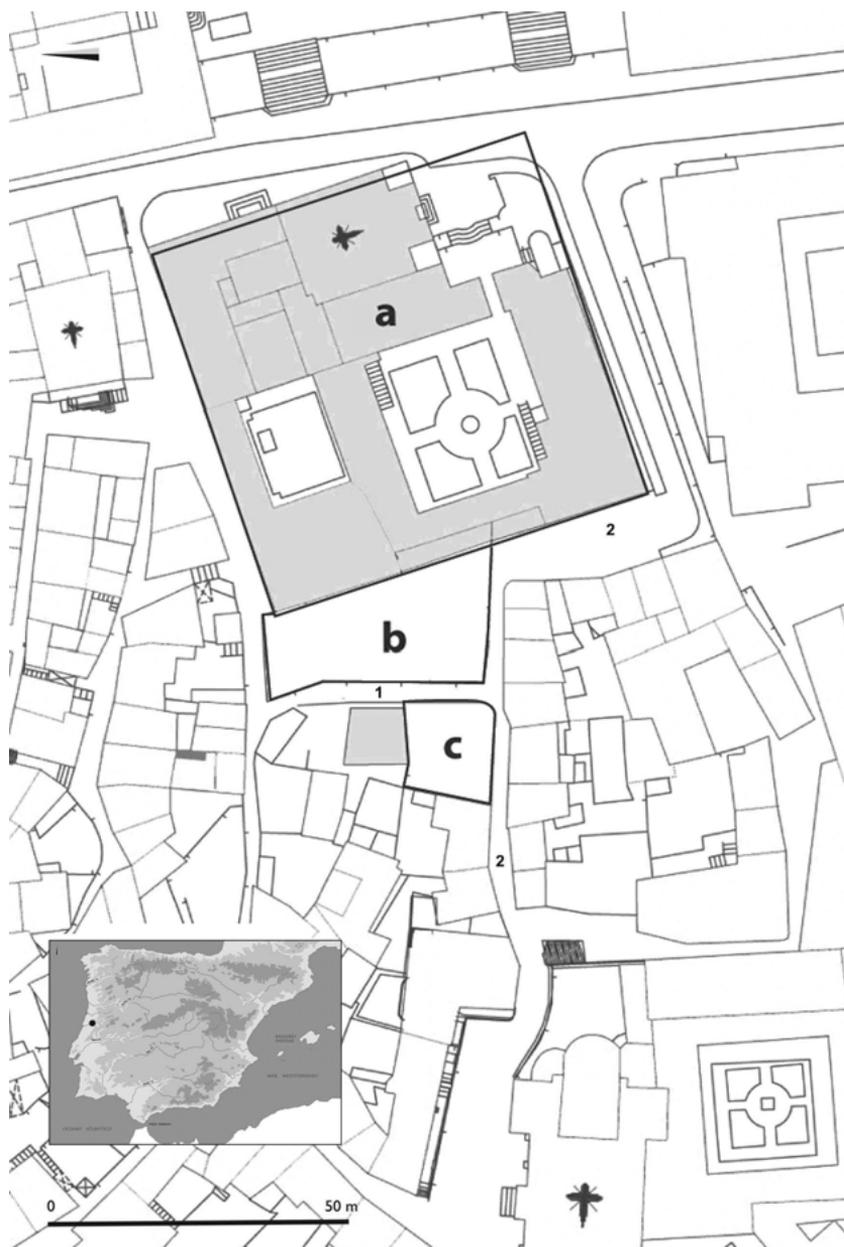


FIG. 1 – Implantação da área de estudo na malha urbana de Coimbra:
a – Instalações seculares do Museu Nacional de Machado de Castro / área do
fórum; *b* – antigo Logradouro do Paço Episcopal; *c* – gaveto;
1. Beco das Condeixiras; 2. Rua Borges Carneiro.

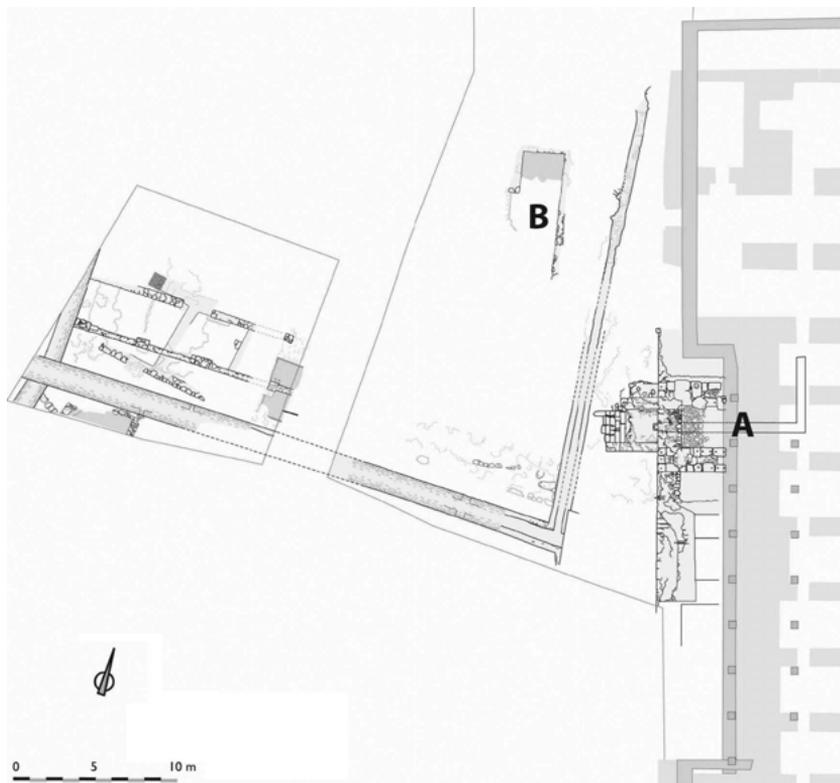


FIG. 2 – Planta geral das estruturas romanas a poente do fórum de Aeminium.

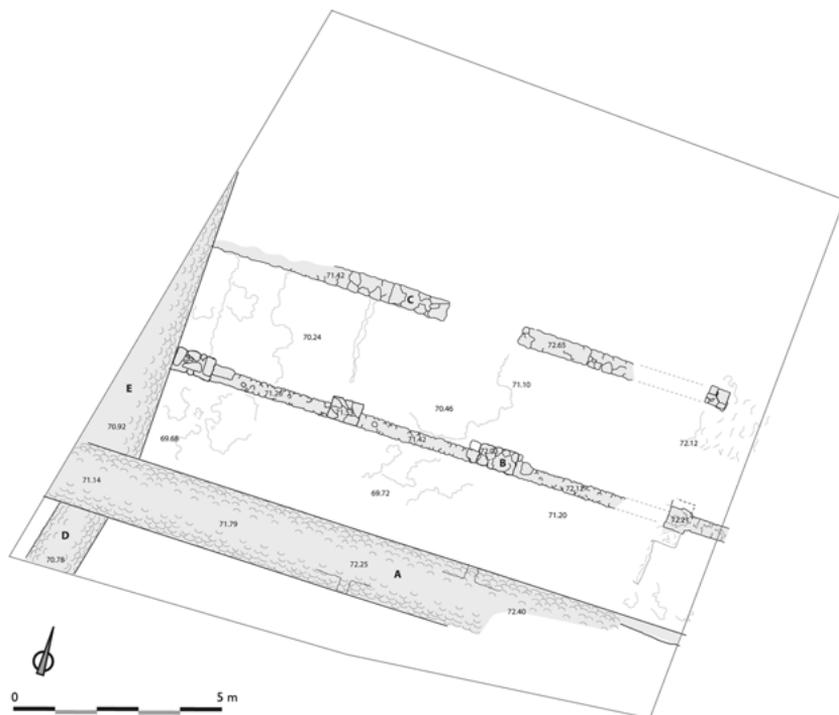


FIG. 3 – Planta das estruturas de meados do século I (2ª fase) no gaveto.

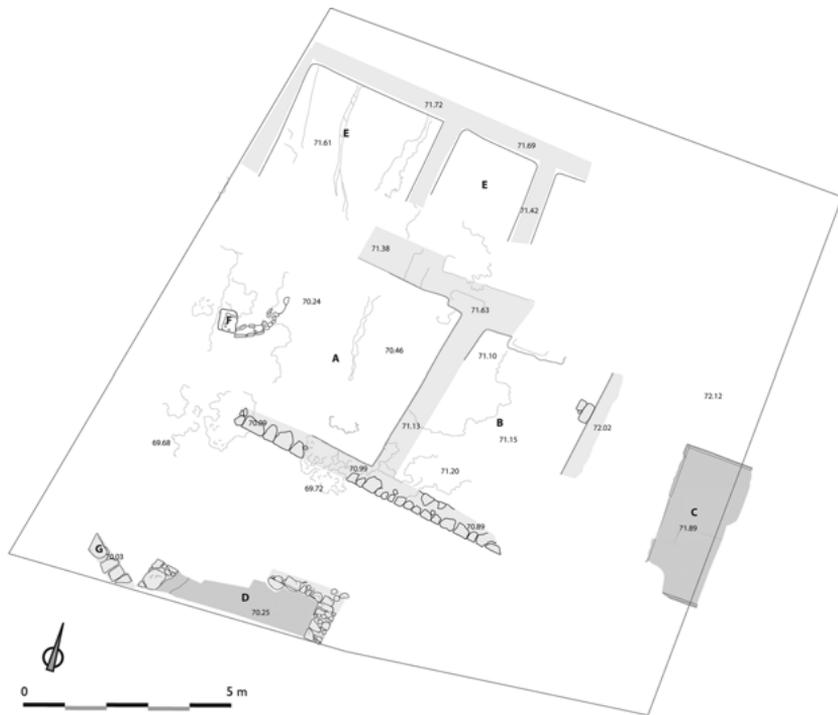


FIG. 4 – Planta das estruturas de inícios do século I (1ª fase) no gaveto.

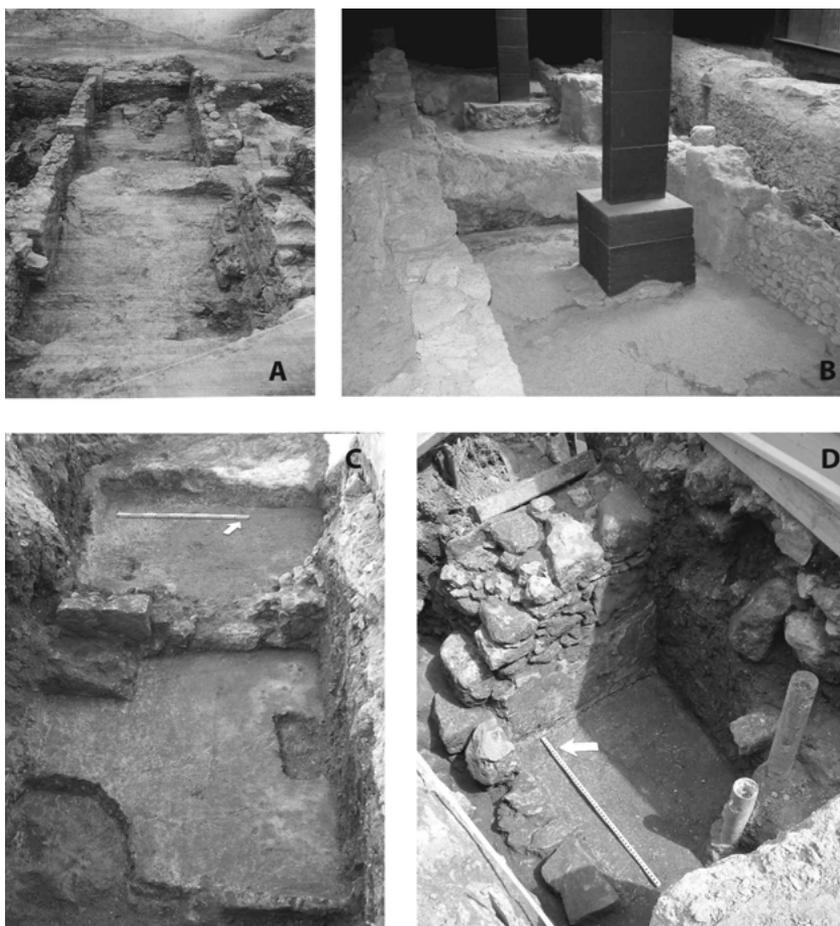


FIG. 5 – A e B: Vista geral das estruturas do gaveto; C – pormenor do compartimento C; D – pormenor do compartimento D.

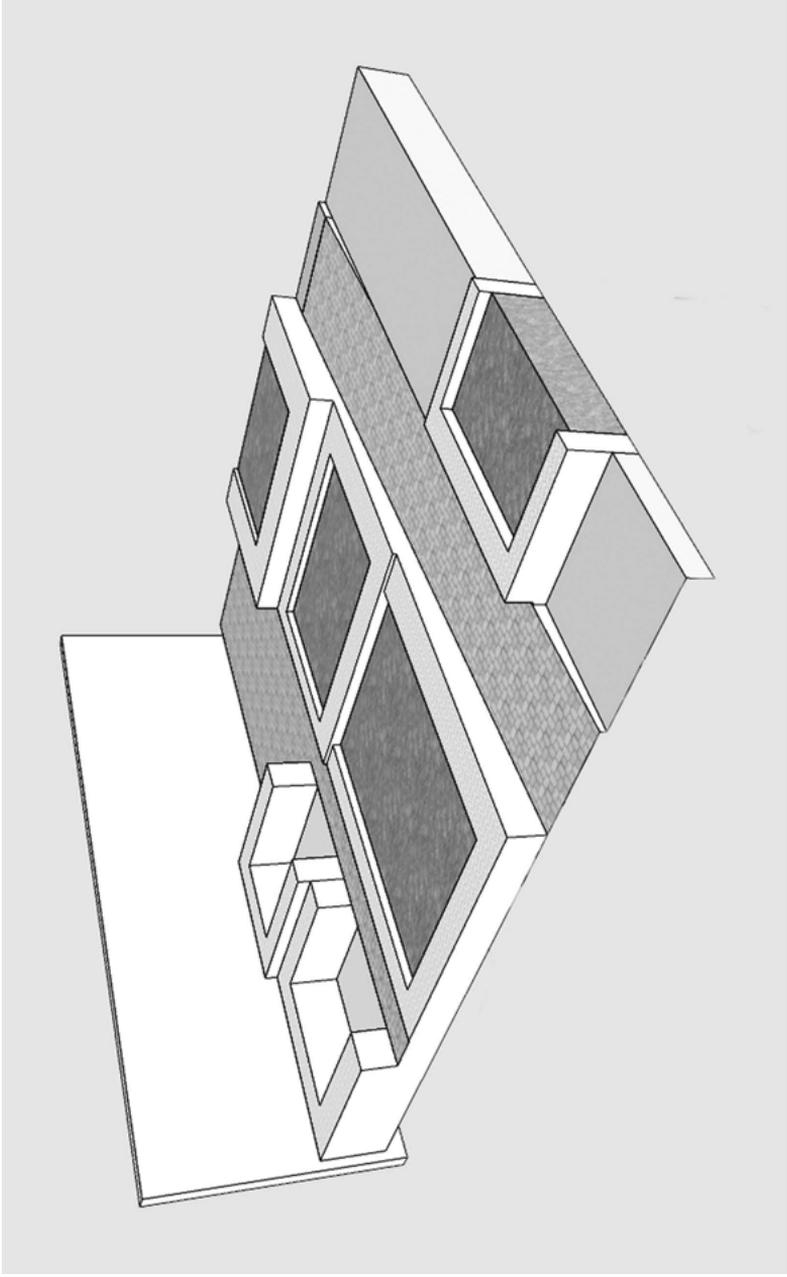


FIG. 6 – Reconstituição hipotética do interior do edifício da 1ª metade do séc. I – fullonica (?). (Desenho de Sara Almeida).

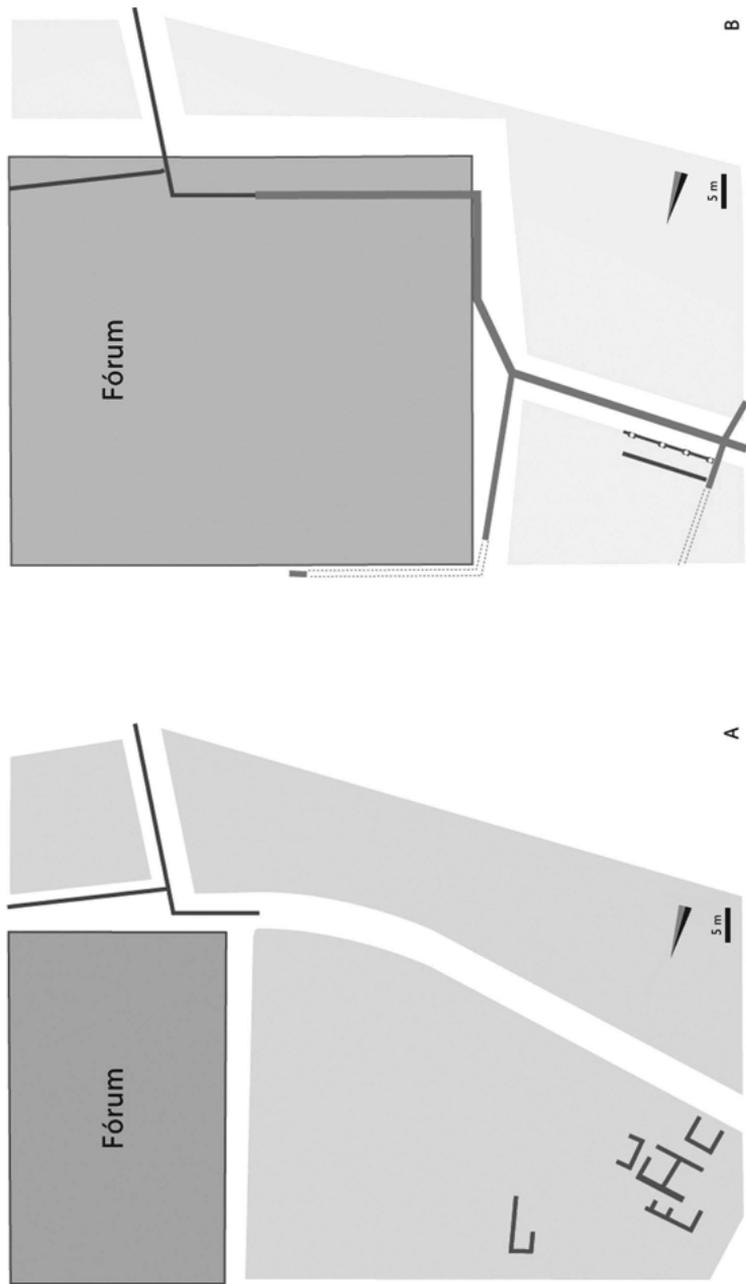


FIG. 7 – Traçado hipotético do decumanus maximus no quarteirão a poente do fórum:
A – nos inícios do século I; B – após a renovação urbanística (meados do século I). (Desenhos de Sara Almeida).